

FIGURA TÍPICA “ARTESÃS INDÍGENAS” DO BOI GARANTIDO/2025: Um Olhar Folkcomunicação¹

Onan Ferreira da Silva²
Adelson da Costa Fernando³

RESUMO

Tendo em vista a magnitude do Festival Folclórico de Parintins, apresentamos como proposta nesse estudo uma análise de um dos atos da apresentação de espetáculo do Boi-Bumbá Garantido na terceira noite da festa do ano de 2025 que marca sua 58ª edição. O momento proposto trata-se da Figura Típica Regional intitulada; “Artesãs Indígenas”, este marcado pela toada, alegoria e momento cênico coreográfico. Por meio da Folkcomunicação de Luiz Beltrão (1980), buscamos analisar essa apresentação do bumbá no qual revela processos comunicativos pertencentes aos grupos indígenas, tendo como exaltação indígenas mulheres que vivem do artesanato.

PALAVRAS-CHAVE: Artesanato; Artesãs Indígenas; Folkcomunicação; Boi-Bumbá Garantido; Parintins.

INTRODUÇÃO

Os bois-bumbás Garantido e Caprichoso cada vez mais se aproximam da realidade vivida pela sociedade atual. O Festival Folclórico de Parintins se solidifica como uma das maiores manifestações de cultura popular brasileira nos mais de 50 anos de realização. No ano de 2025, o Boi Garantido defendeu o tema “Boi do Povo, Boi do Povão”, e levou para a arena do bumbódromo um momento especial para a comunidade indígena, especialmente as mulheres que vivem do artesanato; são figuras femininas que carregam consigo saberes e costumes de seus povos e que repassam esses valores às futuras gerações.

¹ Trabalho apresentado para o GT 2 – Folkcomunicação e Culturas Populares, integrante da programação da 22ª Conferência Brasileira de Folkcomunicação – Folkcom 2025, realizado de 29 a 31 de outubro de 2025.

² Universidade Estadual Paulista. Mestrando em Comunicação, graduado em Comunicação Social - UFAM. E-mail: onanferreira02@gmail.com.

³ Universidade Federal do Amazonas. Pós-doutor em Jornalismo – UEPG/PR. Doutor em Ciências da Religião PUC Goiás. Vice-presidente da REDE FOLKCOM. E-mail: acostaf@ufam.edu.br.

Para a composição desses atos, os bois contam com a genialidade dos compositores, artistas de ponta, dançarinos que formam um lindo espetáculo capaz de encantar milhares de visitantes. Percebe-se que essas apresentações são compostas pelas alegorias, o brilho, luzes e ritmos, envolvendo de fato a parte lúdica e dinâmica do evento; porém, busca-se por meio da ótica folkcomunicação evidenciar nessa pesquisa os processos comunicativos apresentados na figura típica regional apresentada pelo referido bumbá, concorrendo um dos itens do Festival Folclórico.

Por meio da teoria da Folkcomunicação analisamos a toada, alegoria e dança como ferramentas folk para discussão do artesanato indígena, sendo trabalhada na terceira noite do Festival Folclórico de Parintins pelo Boi-Bumbá Garantido, como item de número 15, figura típica regional. O momento retrata a realidade de indígenas mulheres que repassam seus saberes ancestrais por meio do artesanato. Um costume enraizado na cultura indígena que atravessa gerações, é um ato de resistência dessas mulheres que transferem seus valores com a arte de tecer, pintar, confeccionar e moldar.

FOLCLORE E COMUNICAÇÃO POPULAR

Verificando a relação estreita entre folclore (Benjamin, 2007) e comunicação popular, fez-se uma incursão nos estudos de Luiz Beltrão (1980), o qual foi criador da teoria que definiu o conceito de Folkcomunicação como: “o conjunto de procedimentos de intercâmbio de informações, ideias, opiniões e atitudes dos públicos marginalizados urbanos e rurais, através de agentes e meios ligados direta e indiretamente ao folclore” (Beltrão, 1980).

Podemos também de acordo com Hohlfeldt (2002), entender a Folkcomunicação não apenas como o estudo da cultura popular e o folclore, mas o estudo dos procedimentos comunicacionais pelos quais as manifestações da cultura popular ou do folclore se expandem, sociabilizam-se, convivem com outras cadeias comunicacionais, sofrem modificações por influência da comunicação massificada e industrializada ou se modificam quando apropriadas por tais complexo (Hohlfeldt, 2002).

Na teatralização durante a apresentação no Bumbódromo, a figura típica se transforma em um tributo ao vivo as próprias manifestações dos povos da Amazônia, sendo compartilhados tradições, costumes e crenças. Tudo é representado, é o próprio espelho da realidade, celebrando indígenas, caboclos e negros numa exaltação regional.

Em uma reportagem de Larissa Monteiro no site Amazonas Cultura, com o título “Figura Típica Regional no Festival de Parintins: vozes e saberes dos amazônidas”, ela relata que:

O verdadeiro espetáculo ocorre na sinergia entre os itens: enquanto o Apresentador (Item 1) conduz a narrativa, a Figura Típica (Item 15) dialoga organicamente com outros elementos cênicos que surgem “misteriosamente” – seja a Cunhã- Poranga representando a força e beleza da sua ancestralidade indígena, o Pajé com sua espiritualidade ancestral ou outro item do Bloco B (Cênico/Coreográfico). Esta não é uma apresentação estática, mas um ecossistema performático onde cada componente ilumina aspectos diferentes da mesma verdade cultural. (Reportagem, 12/07/2025).

Quando a figura típica regional entra em cena, ela não está ali como mero enfeite, mas pra dar conta de uma manifestação, uma história sendo contada a exemplo de resistência e ancestralidade. Esta é a essência que carrega e responsabiliza as cores, sons, movimentos e performances de cada item 15 que entra na arena do Bumbódromo.

Figura 1: Desenho digital da figura típica regional



Fonte: Revista Boi-Bumbá Garantido 2025

Portanto, destacamos a teoria da Folkcomunicação detentora de funções presentes no processo de comunicação, acatando múltiplas formas de expressões utilizadas pelos grupos sociais. Dentro do contexto da figura típica regional apresentada pelo Boi-Bumbá Garantido, temos o artesanato como expressão de um coletivo de mulheres que utilizam dessa ferramenta para repassar valores e costumes.

ARTESANATO: UMA FERRAMENTA DE COMUNICAÇÃO DE SABERES

O artesanato, enquanto expressão de produção manual e criativa configura-se como uma importante ferramenta de comunicação de saberes; uma das questões que queremos discutir é o artesanato não apenas como técnica ou produção estética, mas como um veículo de transmissão de conhecimentos, traduções e identidade cultural, ou seja, o artesanato funciona como um sistema simbólico de comunicação, onde o objeto produzido carrega consigo valores, histórias e saberes que transcendem a função utilitária. Através de sua prática, a (o) artesã (o) se torna um mediador entre o passado e o presente, entre diferentes gerações, comunicando uma herança que é o tanto material quanto imaterial.

O artesanato é uma das formas mais antigas e universais de produção humana. Ao longo da história, foi um dos principais meios de sustento e sobrevivência, mas, além disso, também representou um mecanismo de construção e transmissão de saberes. Tradicionalmente, os conhecimentos artesanais eram passados de geração em geração, não apenas como técnicas de produção, mas também como um meio de preservação e comunicação de valores culturais e sociais. Neste estudo analisamos o artesanato como uma ferramenta de comunicação de saberes, destacando o papel que ele desempenha na transmissão de conhecimentos práticos, estéticos e simbólicos.

O artesanato é intrinsecamente ligado à identidade cultural e social de povos e comunidades. Ele envolve técnicas e materiais que são típicos de cada região, refletindo não apenas a utilidade do objeto produzido, mas também o contexto histórico, geográfico e sociocultural de quem produz. A cada peça artesanal, há uma história sendo contada, uma tradição sendo perpetuada. De acordo com Gell (1998), as obras de arte, incluindo os objetos artesanais, podem ser vistas como formas de comunicação que não dependem necessariamente da palavra, mas que, por meio de sua forma, cor, textura e utilidade, transmitem um conteúdo simbólico. Isto porque no dizer de Breguez “cada traço, forma ou cor é carregado de sentimentos, modos de pensar e agir que expressam informações, opiniões e visões de vida social, cultural, econômica ou política da sociedade” (Breguez, 2007, p. 99).

Em muitas comunidades tradicionais na Amazônia, o artesanato não é apenas uma atividade de subsistência, mas um ritual que envolve a transmissão de conhecimentos entre gerações. As técnicas artesanais são muitas vezes ensinadas por mestres artesãos aos mais jovens, transmitindo não apenas a habilidade prática, mas também o valor simbólico do que está sendo produzido. Ao ensinar uma técnica artesanal, o mestre artesão comunica o valor da paciência, do respeito à natureza, da história cultural e das conexões sociais.

O conceito de comunicação de saberes (Morin, 2000) pode ser entendido como o processo pelo qual práticas, conhecimentos e tradições são compartilhados entre indivíduos ou grupos. Nesse contexto, o artesanato se configura como um meio não verbal de comunicação. Como aponta Lévi-Strauss (1962), as práticas artesanais podem ser analisadas como “linguagens” em que a forma do objeto carrega significados que são compreendidos dentro de uma determinada cultura.

O saber transmitido pelo artesanato pode ser dividido em várias dimensões: a) técnica: A habilidade de transformar matéria-prima em objetos úteis ou decorativos é um saber transmitido de forma prática. Desde o processo de escolha dos materiais até a execução das etapas de produção, o artesão transmite conhecimentos que são aplicáveis ao cotidiano; b) estético: A estética dos objetos artesanais está profundamente ligada aos padrões culturais, aos mitos e às simbologias de uma determinada comunidade. Cada detalhe – como os desenhos em cerâmica, as cores de uma tapeçaria ou a forma de uma peça em metal – tem um significado que se comunica por meio da tradição; c) simbólico: em muitos casos, o artesanato também é um veículo de comunicação simbólica. Os objetos artesanais podem ter significados religiosos, espirituais ou mágicos, representando valores, crenças ou cosmologias de uma determinada cultura.

Isto quer dizer também que o artesanato está intimamente ligado à construção da identidade cultural (Dias, 2007). Ele não apenas reflete a cultura, mas também a define e reitera. Ao produzir e consumir objetos artesanais, os indivíduos afirmam sua conexão com uma determinada tradição e com os saberes ancestrais que são passados adiante. O ato de criar ou adquirir um objeto artesanal carrega em si o reconhecimento de um pertencimento cultural, de uma história que resiste ao tempo.

Sobretudo, além disso, em um contexto de globalização e de homogeneização cultural, o artesanato surge como uma forma de resistência e afirmação cultural; ele

permite que comunidades e grupos marginais se comuniquem e compartilhem seus saberes sem depender das vias tradicionais de comunicação de massa. Nesse sentido, o artesanato se torna uma ferramenta crucial de resistência cultural, mantendo vivos saberes que poderiam ser esquecidos ou distorcidos pelas dinâmicas do mercado globalizado.

O artesanato popular é uma expressão folkcomunicação das mais importantes porque expressa arte, técnica e comunicação. Pode-se definir artesanato como o conjunto de processos manuais de produzir objetos pelo artesão, durante a elaboração plástica. O artesão é quem domina a técnica manual de criar objetos de uso frequente na comunidade onde vive, sem equipamento industrial repetitivo, com uso de material disponível que pode ser extraído da natureza (metal, madeira, argila, etc.) ou retalhos, sucata, refugo industrial, sobra aproveitável (Breguez, 2007, p. 99).

É nessa seara que colocamos nossa pesquisa como aporte folkcomunicação de mulheres que comunicam seus saberes por meio do artesanato. Marlei Sigríst (2012), identifica as características do artesanato como: “objetos produzidos manualmente, com ou sem auxílio de instrumentos, que têm as feições locais/regionais, reveladores de costumes, pensamentos, ideias e ideologia da comunidade” (Sigríst, 2012, p. 192). Aprofundando ainda mais este conceito de artesanato, buscamos com Cristina Schimdt (2012), no qual relata que:

o artesanato é uma forma muito recorrente de demonstração do cotidiano. Por meio dele são registradas cenas do dia-a-dia, histórias, mitologias, tecnologias. Com as mãos, são registrados os anúncios do momento em madeira, metal, vidro, tecido, papel ou barro. Também plástico, fios, borracha, linhas, alimentos são usados como meio para essa produção. É a vida expressa em materiais e formas diversas. É a comunicação realizada entre seus interlocutores por meio de canais próprios à sua localidade. (Schimdt, 2012, p. 203).

É nítido também que as mulheres artesãs detêm características de líderes-folks ou agentes comunicadores, pois possuem o entendimento dessas práticas do artesanato, e correspondem com aquilo que Melo (2007) aplica sobre esse indivíduo que conhecendo as técnicas, terá o domínio para argumentar, fazendo com que seu grupo veja no artesanato as mensagens dos modos de vida. Elas geram seus próprios meios de expressão e dominam práticas seculares de seu grupo.

Beltrão (2001) nos ensina que “o artesanato em geral é o meio (canal) que o povo utiliza para expressar suas ideias e/ou opinar sobre fatos e acontecimentos” (Beltrão, 2001 apud Breguez, 2007, p. 102). Com isso, nos certificamos do entendimento que o artesanato pode ser tomado como ferramenta folkcomunicacional e das indígenas mulheres como agentes folkcomunicacionais (Renó, 2007); porém, lembremos do objetivo dessa pesquisa em analisar o momento apresentado como item do julgamento pelo Boi Garantido em 2025, a figura típica regional: “Artesãs Indígenas”.

FOLKCOMUNICAÇÃO E A FIGURA TÍPICA REGIONAL DAS “ARTESÃS INDÍGENAS”

Oniwasab' I
Numiã kura, Aminsã, Assai
Yanomami, Wat'Amã
Tecelã Sateré-Mawé
Em suas mãos o tucum e o Arumã
Jamais vão se calar

Ceramistas Baniwa
Moldam no barro
A força do povo indígena
Na plumária Hiskariana
Os cocares ganham vida na arte milenar

Das mulheres de fibra e coragem
Que adornam e vibram os maracás
Ohpekô diã Mahsa Numiã

Artesãs indígenas
Ensinam suas filhas
A extrair a fibra da palha do Buriti
A geometria do casco do jabuti

Em cada pele um grafismo
Contando uma história
Em cada trançado
Resistência e memória

É o poder das sementes que brilham
Nas mãos da Artesãs
Mestras do boi Garantido
As parentas que fazem
A arte que vem do coração da Floresta
E encanta os olhos do mundo.

(Matos et. al. 2025).

Para execução da apresentação do Boi Garantido, cada ato é pensado pela Comissão de Artes (grupo responsável pelas artes musicais, alegóricas e cênicas), os detalhes e os aspectos que irão compor cada momento. O primeiro passo é a composição da toada da figura típica regional. Durante o Festival de Parintins, o item 15 (figura típica regional), apesar de um momento folclórico representando histórias frequentes da região, protagoniza a representação de vivência dos personagens amazônicos. Ou seja, este item mostra não só a beleza artística, como também o cotidiano do povo, seus costumes, saberes e crenças.

A Folkcomunicação, conceito desenvolvido por Luiz Beltrão (1967), refere-se às formas de comunicação oriundas do povo e destinadas ao povo, muitas vezes alheias aos meios massivos convencionais. Nesse contexto, a toada – gênero musical característico do boi-bumbá – emerge como expressão significativa da cultura popular amazônica, articulando tradição, religiosidade e resistência social. Mais que mero entretenimento, a toada revela-se como canal de informação, preservação de memória e afirmação identitária.

A toada é a base musical do espetáculo do boi-bumbá em Parintins, protagonizados pelos bois Garantido e Caprichoso; sua estrutura musical e poética remete tanto à herança indígena quanto às influências afro-brasileiras e caboclas, evidenciando a hibridez cultural amazônica (Cardoso, 2013). Os temas das toadas variam entre o sagrado e o profano, o mítico e o cotidiano, sempre refletindo as vivências coletivas.

A partir da perspectiva folkcomunicacional, a toada cumpre funções informativas, formativas e identitárias. As letras, muitas vezes compostas de forma coletiva, abordam elementos históricos, ecológicos e sociais da região amazônica, como o respeito à floresta, a luta dos povos originários e os saberes tradicionais. A circulação da toada, tanto oral quanto midiática, permite a amplificação de vozes historicamente marginalizadas, promovendo uma comunicação de base, horizontal, que desafia os padrões da grande mídia.

Ao analisar a riqueza e complexidade da toada “Artesãs Indígenas” – com sua dança, indumentária e coreografias – percebe-se o fortalecimento do senso de pertencimento comunitário: é um ato de resistência frente à homogeneização cultural,

pois reafirma a diversidade e a especificidade amazônica. Ao ser apropriada pelas rádios convencionais e comunitárias, pelas plataformas digitais, redes sociais e pela festa dos dois bois-bumbás, a toada consolida-se como um canal de mediação entre o local e o global.

Figura 2 Alegoria apresentada na arena do bumbódromo



Fonte: Widger Frota, 2025

A toada enquanto veículo folkcomunicacional (Melo, 2008), ultrapassa a dimensão estética para se constituir como prática social significativa; ela comunica o povo ao povo, perpetua memórias e mobiliza afetos. Em um contexto de apagamento cultural e ameaças às comunidades tradicionais, sua valorização é estratégica para o fortalecimento da identidade regional e a democratização da comunicação.

A toada é interpretada por Márcia Siqueira⁴, reforçando a ideia do empoderamento da indígena mulher. Essa toada é assinada pelos compositores Geandro Matos, Ulisses Rodrigues, José Carlos e Wanderson Rodrigues. A canção contempla o artesanato como expressão ancestral de resistência, cultura e identidade.

⁴ É uma das vozes mais emblemáticas da música amazonense. Com mais de 38 anos de carreira, ela tem encantado o público com sua voz potente e interpretações vibrantes do folclore amazônico. É interpret de algumas toadas do boi-bumbá Garantido, e conhecida como a rosa vermelha da Amazônia.

Também é uma homenagem ao trabalho coletivo de organizações de indígenas mulheres. No início da toada, primeiramente são citadas quatro associações que atuam com a valorização do artesanato indígena na Amazônia: Numiã kura, Aminsá, Assai, Wat'Amã. Vale destacar que essas associações integram o projeto 'Parentas que fazem', citado da toada.

A figura típica regional de terceira noite do Bumbá Garantido, homenageia a artesã indígena, ressaltando o papel importante das mulheres originárias na preservação dos saberes tradicionais. As pessoas que trabalham com o artesanato na Amazônia são figuras bastantes frequentes nas comunidades da região norte.

Figura 3: Indígena com vaso pintado



Fonte: Widger Frota, 2025.

A composição musical utiliza expressões indígenas como: Yanomami, Sateré-Mawé, Baniwa e Hiskariana, que representam os nomes dos povos indígenas. Entende-se que cada um desses povos é responsável ou se destaca por um artesanato, como por exemplo, Sateré-Mawé pela tecelagem, Baniwa as cerâmicas de barro e os Hiskariana pela arte plumária.

Observa-se também a utilização dessas palavras para além da própria comunidade, é uma forma educativa social de ensinar pessoas de fora do grupo indígena. Por isso, afirmamos a toada como ferramenta folkcomunicação, pois é por ela que as informações são repassadas as pessoas não indígenas.

Figura 4: Indígena e a cestaria



Fonte: Widger Frota, 2025

Então, nota-se a toada como processo comunicativo dos valores indígenas como no trecho: *em cada pele um grafismo/ contando a história/ em cada trançado/ resistência e memória*. É possível analisarmos que essas práticas citadas servem como expressões transmissoras de mensagens dentro do contexto em que esse grupo social vive.

A toada é a maior expressão para o resultado da figura típica regional, pois ela também norteará o artista de ponta na concepção alegórica, como podemos ver nas fotos apresentadas nessa pesquisa, a alegoria é composta na sua maioria por mulheres aparentemente idosas detentoras dos saberes e costumes indígenas.

Figura 5: Corpo cênico na alegoria



Fonte: Widger Frota, 2025.

A escolha da artesã indígena como figura típica regional para o ano de 2025, é uma manifestação folkcomunicação relevante. Ela insere numa dinâmica complexa da comunicação popular, memória oral e também hibridização cultural. Importante ressaltar os movimentos alegóricos que revelam a confecção de cestaria, tecelagem, pinturas, etc, momento visualmente rico para leituras de processos comunicativos presentes na alegoria. Os artistas de pontas responsáveis desse momento foram: Kemerson Guerreiro e Marlon Brandão.

Para além da realidade exposta nos módulos alegóricos, os movimentos cênicos dos brincantes na alegoria enriquecem com a dança toda a ritualização dos povos indígenas que com o tempo se perpetuaram na história desses grupos.

Figura 6: Cunhã Poranga Isabelle Nogueira



Fonte: Yasmin Cadore, 2025.

Neste ato houve a aparição da Cunhã-Poranga Isabelle Nogueira, que finalizou o momento juntamente com o corpo cênico coreográfico com passos marcados e com uma dança simbolizando um ritual vivenciado somente por mulheres. Destaca-se também que essa escolha dialoga com os processos discutidos dentro da Folkcomunicação, ao colocar em evidência o protagonismo de sujeitos populares, como as artesãs, como mediadoras culturais que detêm práticas ancestrais e expressões de identidade.

ÚLTIMAS CONSIDERAÇÕES

A proposta de apresentação da pesquisa a respeito da figura típica regional “Artesãs Indígenas”, apresentando ferramentas folkcomunicacionais dentro da arena do bumbódromo para discussão da ancestralidade indígena por meio do artesanato como continuidade de uma cultura. O momento celebra o artesanato como expressão ancestral de resistência, cultura e identidade, homenageando o trabalho coletivo de mulheres indígenas da Amazônia.

Ou seja, aqui queremos reiterar que o artesanato, em sua essência, é um elo entre o passado e o presente, entre os saberes ancestrais e as novas gerações; ele vai além da produção de objetos utilitários, sendo um meio de comunicação que transmite técnicas, símbolos e valores culturais. Como ferramenta de comunicação de saberes, o artesanato oferece um espaço para a preservação da memória coletiva e para a construção da identidade cultural. Assim, ele deve ser reconhecido não apenas como arte ou produção, mas como um sistema de comunicação fundamental para a manutenção das tradições e da diversidade cultural.

A toada, manifestação musical tradicional ligada ao Boi-Bumbá, especialmente nos contextos amazônicos como os de Parintins (AM), conclui-se como um relevante veículo de Folkcomunicação. Através de sua musicalidade, letras e performance, a toada comunica valores, narrativas, crenças e identidades coletivas, funcionando como meio de expressão autêntica das comunidades populares. Este artigo propõe uma reflexão sobre a toada como instrumento de mediação simbólica e resistência cultural, a partir das contribuições teóricas da Folkcomunicação.

Na oportunidade relacionamos com o tema do Congresso da Folkcom 2025 que tem como proposta: Raízes presentes, futuros ancestrais; na qual situamos o coletivo indígena como provedor dos costumes e transmissor dos valores culturais dos indígenas. Valida-se também o comprometimento a memória ancestral trabalhada na atualidade que rememora os costumes antigos projetando-os para uma geração futura.

Podemos discutir aqui o fato do artesanato como expressão comunicacional dentro do contexto dos povos originários, e que para todo o processo de execução do momento da figura típica do boi-bumbá é constituído por elementos folkcomunicacionais para a finalização do espetáculo. Música, escultura e dança carregam consigo o ato de comunicar. E quando o Garantido leva para a arena do bumbódromo possibilita a discussão e transmissão desses saberes, por vezes desconhecidos pelos próprios brasileiros.

REFERÊNCIAS

- BELTRÃO, Luiz. **Folkcomunicação** – Um estudo dos agentes e dos meios populares de informação de fatos e expressão de ideias, Brasília. 1967.
- _____. **Folkcomunicação: a comunicação dos marginalizados**. São Paulo: Cortez, 1980.

BENJAMIN, Roberto. Folclore. In: GADINI, Sérgio; WOITOWICZ, Karina (orgs.) **Noções básicas de Folkcomunicação**: uma introdução aos Principais conceitos e expressões. Ponta Grossaa, Editora UEPG, 2007

BREGUEZ, Sebastião. Artesanato popular. In: GADINI, Sérgio; WOITOWICZ, Karina (orgs.) **Noções básicas de Folkcomunicação**: uma introdução aos Principais conceitos e expressões. Ponta Grossaa, Editora UEPG, 2007

CARDOSO, Celeste de Souza. **Cancioneiro das toadas do boi-bumbá de Parintins**. Manaus: UEA, 2013.

DIAS, Renata. Identidades culturais. In: GADINI, Sérgio; WOITOWICZ, Karina (orgs.) **Noções básicas de Folkcomunicação**: uma introdução aos Principais conceitos e expressões. Ponta Grossaa, Editora UEPG, 2007

GELL, Alfred. **Arte e agência: uma teoria antropológica**. Clarendon Press, 1998.

HOHLFELDT, Antônio. **Novas tendências nas pesquisas da folkcomunicação**: pesquisas acadêmicas se aproximam dos estudos culturais. Anais (...). XXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação (INTERCOM, 2002), Salvador (BA), 2002.

MELO, José Marques de. **Mídia e Cultura Popular**: história, taxionomia e metodologia da Folkcomunicação. São Paulo: Paulus, 2008.

MONTEIRO, Larissa. **Figura Típica Regional no Festival de Parintins: vozes e saberes dos amazônidas**. Amazonas Cultura, Manaus, 12 jul. 2025. Cultura. Disponível em: <https://www.amazonascultura.com.br/post/figura-t%C3%ADpica-regional-no-festival-de-parintins-vozes-e-saberes-dos-amaz%C3%B4nidas..> Acesso em: 22 jul. 2025.

MORIN, E. **Os setes saberes necessários à educação do futuro**. 2. Ed. Brasília: UNESCO, 2000.

LÉVI-STRAUSS, Claude. A crise moderna da antropologia. **Revista de Antropologia**, p. 19-26, 1962.

RENÓ, Denis Porto. Agentes folkcomunicacionais. In: LOPES FILHO et. al. (orgs). **Folkcomunicação no limiar do século XXI**. Juiz de Fora: Editora UFJF, 2012.

SCHMIDT, Cristina, Artesanato: mídia popular e o lembrar comunitário. In: LOPES FILHO et. al. (orgs). **A Folkcomunicação no limiar do século XXI**. Juiz de Fora: Editora UFJF, 2012.

SIGRIST, Marlei. Folkcomunicação e artesanato: as identidades culturais locais e seus mecanismos de visibilidade midiática. In: LOPES FILHO et. al. (orgs). **A Folkcomunicação no limiar do século XXI**. Juiz de Fora: Editora UFJF, 2012.

Toada:

MATOS, Geandro et. al. **Artesãos Indígenas**. Boi Bumbá Garantido: Parintins, 2025. 3'36" min